

3

As Artesãs Manauaras e o Nexo Estabelecido entre Trabalho e Família

O presente capítulo objetiva fazer uma análise do perfil das mulheres que exercem atividades laborativas na Feira de Artesanato do Centro de Manaus, as ponderações envolvem a relação trabalho e família das mulheres, sendo que essas relações envolvem ainda fatores socioeconômicos, que vão desde a faixa etária, passando pela escolaridade, considerando ainda as condições de vida de tais sujeitos.

Além da coleta de dados para o resultado quantitativo, a oralidade também foi utilizada para caracterizar de maneira precisa o que as mulheres pensam sobre as atividades desenvolvidas e como essa ocupação envolve os demais sujeitos familiares no que tange à visibilidade dos sujeitos e a relação com a geração de renda.

A pesquisa forneceu contribuições relevantes e precisas que mostraram mudanças na visão da mulher sobre sua inserção no mundo do trabalho, mas apontou ainda a falta de informação sobre a política previdenciária, direitos sociais e outros ensejos que giram em torno da informalidade, conforme será apresentado posteriormente.

3.1

O Cotidiano das Artesãs e a escolha pela Atividade Artesanal

Abordar a situação social na contemporaneidade é um desafio, haja vista que o aumento da pauperização, da exclusão social e expropriação do sujeito no mundo do trabalho são elementos que definem a emergência ou não do indivíduo na sociedade.

Trabalhar os dados referentes à relação trabalho e família das mulheres que trabalham na Feira de Artesanatos do centro de Manaus ampliou os horizontes que permeiam os desafios, pois a região amazônica com seus traços conservadores e tradicionalistas, vê com visibilidade social apenas os sujeitos do

mercado formal, já que quando se fala em trabalho, remete-se apenas à Zona Franca de Manaus, com o Polo Industrial se responsabilizado pela subsistência de muitas famílias amazônicas, assim como dos sujeitos oriundos de outros Estados.

Manaus é uma cidade que apresenta um milhão e oitocentos mil habitantes, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), apresenta ainda um fluxo migratório muito alto, atraindo pessoas de todas as regiões do país. A herança migratória vem desde o período da *Belle Époque*, com o apogeu da extração da borracha e a ilusão do eldorado amazônico, o qual já foi evidenciado anteriormente.

Além da migração, Manaus é uma cidade de contrastes sociais, com inúmeras expressões da Questão Social sinalizadas através da violência, do desemprego, da ausência de qualificação e da cultura de um povo habituado ao sistema de uma cidade provinciana. Tal fator inexistente, pois Manaus se caracteriza como metrópole e com problemas inerentes à nomenclatura.

Em Manaus, como em outros lugares, a desigualdade social é histórica, o poder concentrado nas mãos de poucos é evidente e os traços do patriarcalismo e da dominação masculina também imperam.

Cotidianamente a mulher tem se inserido no mundo do trabalho com o objetivo de quebrar os cânones sociais amazônicos que renegam a mulher e a inferiorizam nas atividades laborativas.

Enfocando esse contexto, vale ressaltar a criação da Feira de Artesanato do Centro de Manaus como marco para muitas famílias, que puderam exercer suas atividades laborativas em busca não apenas da subsistência, mas, sobretudo, da sustentabilidade, sendo esta trazida de maneira majoritária, pelo sujeito feminino das organizações familiares.

No que se refere à faixa etária dos sujeitos da pesquisa ficou evidenciado o seguinte quadro:

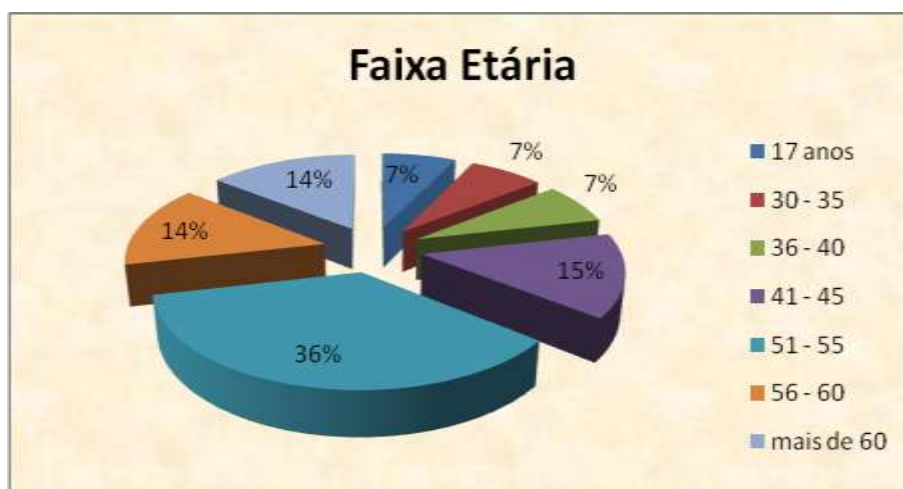


Gráfico 1- Faixa Etária das entrevistadas.
Fonte: Pesquisa de Campo 2010.

A faixa etária predominante das entrevistadas está em torno de 51 a 55 anos o que corresponde a 36%. Seguidamente do percentual de 15% das mulheres que estão entre 41 e 45 anos, 14% entre 56 e 60 anos e ainda 14% com mais de 60 anos.

O dado inicial mostra que quase 80% das entrevistadas têm mais de 50 anos de idade, ou seja, trata-se de mulheres maduras no que tange à faixa etária.

Tal dado pode explicar, inclusive, o processo de mudanças no mundo do trabalho, sobre o qual Antunes (1999) reflete que:

O mundo do trabalho viveu como resultado das transformações e metamorfoses em curso nas últimas décadas, particularmente nos países capitalistas avançados, com repercussões significativas nos países do Terceiro Mundo dotados de uma industrialização intermediária, um processo múltiplo: de um lado verificou-se uma desproletarização do trabalho industrial, fabril, nos países de capitalismo avançado. Em outras palavras, houve uma diminuição da classe operária industrial tradicional. Mas paralelamente, efetivou-se uma significativa subproletarização do trabalho, decorrente das formas diversas de trabalho parcial, precário, terceirizado, subcontratado, vinculado à economia informal, ao setor de serviços etc. Verificou-se, portanto, uma significativa heterogeneização, complexificação e fragmentação do trabalho (p.209).

O autor considera as transformações no mundo do trabalho e como esse processo expropriou os trabalhadores do mercado formal, fator este que aparece no cotidiano das mulheres que trabalham na feira de Artesanatos e Produtos, pois essa subproletarização é alimentada pela informalidade, o que aparece como foco direto nas relações trabalho e família dos sujeitos em questão.

A desproletarização do trabalho industrial leva a uma subproletarização no

mercado informal e demais setores. A flexibilização do trabalho trouxe a redução do operariado no sistema fabril e, conseqüentemente, um “inchaço” caracterizado pelo aumento de indivíduos na informalidade.

Enfatizamos ainda que a idade é um fator relevante, pois o mercado de trabalho já não emprega sujeitos com mais de 50 (cinquenta) anos de idade, pois esse quadro faz parte da realidade cotidiana dos países em desenvolvimento.

Em relação à escolaridade das mulheres que trabalham na Feira, observaram-se os seguintes dados.



Gráfico 2- Escolaridade das Mulheres.
Fonte: Pesquisa de Campo 2010.

A escolaridade é outro dado importante, pois 71% das mulheres declararam ter o Ensino Médio Completo e apenas 29% informaram ter apenas o Ensino Fundamental Incompleto.

É interessante o contraste dos dados com a avaliação que os sujeitos fizeram através dos questionários e até mesmo com as assinaturas no TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), no qual muitas mostraram dificuldade no entendimento no conteúdo e até mesmo na leitura, além das assinaturas que demonstraram a ausência de conhecimentos básicos de estudo.

Apesar disso, sabe-se que as políticas de Educação no contexto brasileiro mostram os sistemas simplificados de estudo, pois se olvida o tempo de dedicação em sala de aula e se troca pelo desempenho dos alunos em provas e aprendizados em curto prazo, o que pode também justificar o dado, já que foram verificadas as várias faces da deficiência escolar nos referidos sujeitos.

Quanto à localização da moradia das mulheres, foram coletados os seguintes dados.

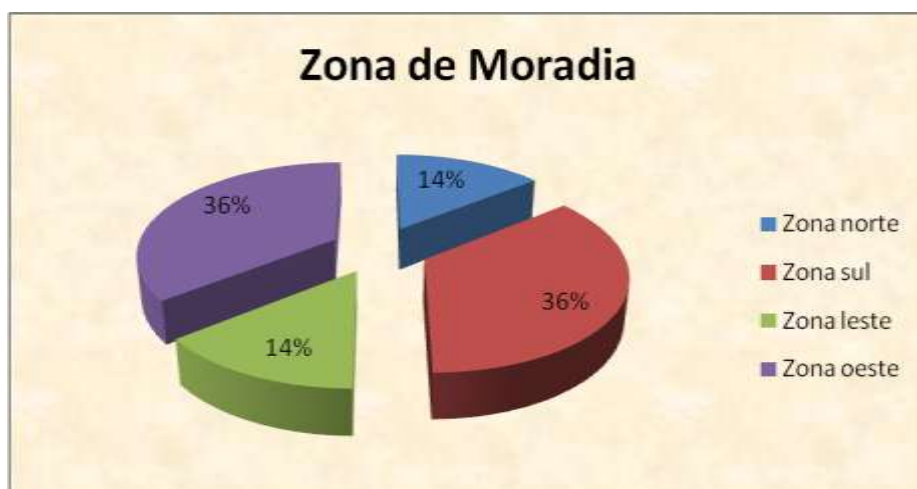


Gráfico 3- Zona de Moradia.
Fonte: Pesquisa de Campo 2010.

36% das mulheres informaram que residem na zona sul de Manaus, ressaltando-se que área supracitada é próxima da área da Feira do Centro. Esta informação pode justificar, inclusive, a praticidade de movimentar o material produzido pelos sujeitos em questão.

Outros 36% informaram que residem na zona oeste da cidade, a qual tem sua predominância de respostas o bairro “Alvorada”, com pelo mais de 30 anos de existência.

14% informaram residir na zona leste e 14% na zona norte, as quais são atualmente, as duas localizações mais populosas da cidade.

Para a melhor compreensão dos dados é interessante visualizar o mapa da cidade de Manaus, onde se verifica melhor a divisão por zonas e bairros, conforme se mostra abaixo.

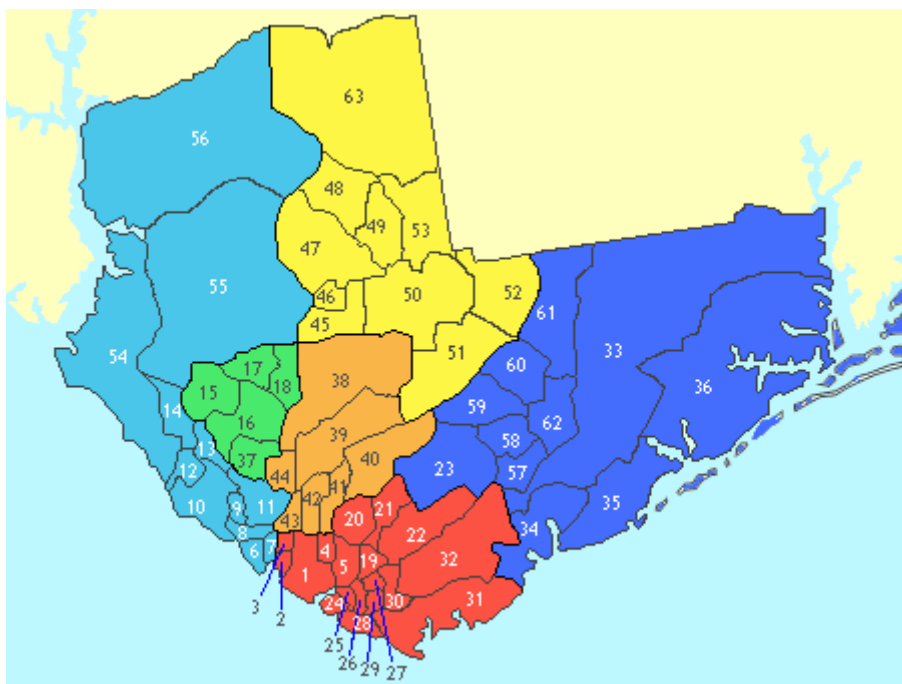


Figura 11- Mapa da Cidade de Manaus dividido por bairros.

Fonte: ARSAM – Agência Reguladora de Serviços Públicos do Estado do Amazonas.

O mapa caracteriza as zonas de ocupação da cidade de Manaus e suas caracterizações. Vale ressaltar que as zonas mais populosas de acordo com o IBGE (2000) são as zonas leste e norte, pelo grande contingente de ocupações e construção de conjuntos habitacionais.

Ainda em relação ao mapa, a zona sul onde se encontra o Centro de Manaus está sinalizada pela área vermelha, na qual se encontra o número 1. Seguidamente as outras zonas estão distribuídas da seguinte maneira: zona leste está em azul escuro, zona oeste em azul claro, norte em amarelo, zona sul em laranja e centro oeste em verde, proporcionando assim a melhor compreensão sobre a realidade, considerando ainda que a área central de Manaus se caracteriza como zona portuária do município.

No que se refere à moradia, coletaram-se dados importantes, tais como:



Gráfico 4- Situação de Moradia.
Fonte: Pesquisa de Campo 2010.

No que se relaciona à situação de moradia, 64% dos sujeitos sociais residem em casa própria, ressaltando-se que como a cidade de Manaus cresceu sem planejamento, essas moradias referem-se à ocupação que os moradores consideram casa própria, entretanto trata-se apenas de posse, haja vista que políticas de regularização fundiárias ainda são recentes no município, sendo que tais famílias, por não serem partícipes da classe média, com condições para um financiamento, residem em áreas de posse, fator este que foi comprovado pela localização das moradias.

Ao continuar a verificação do gráfico, verificamos que 29% informaram que residem em casa alugada e apenas 7% em casa cedida. Além disso, as mulheres enfatizaram ainda o quantitativo de cômodos, sendo que 50% residem em casas que tem entre 3 (três) e 4 (quatro) cômodos e os demais 50% possuem casa com 5 (cinco) a 6 (seis) cômodos.

Esse dado é importante, pois mostra que as residências possuem um determinado quantitativo de cômodos que pode satisfazer às necessidades das famílias.

No que tange ao número de pessoas que residem com as artesãs, verificamos os seguintes contextos.



Gráfico 5- Pessoas que moram no domicílio.
Fonte: Pesquisa de Campo 2010.

Em 57% das residências, as famílias das artesãs têm entre 1 (uma) e 3 três pessoas. Já 36% das famílias apresentam 4 (quatro) a 6 (seis) membros e 7% tem mais de 7 pessoas.

Ressaltamos que a pesquisa identificou famílias relativamente pequenas, contudo tal fator não significa que se trata apenas da constituição de família tradicional. A análise de Szymanski (2002) caracteriza que família pode ser constituída de maneira nuclear, podendo incluir os eixos geracionais e monoparentais. Existem ainda as famílias reconstituídas, nas quais os membros inserem-se em laços já existentes, as famílias adotivas e birraciais entre outros tipos de arranjos.

Já Carvalho (2010) reflete que muitos podem ser os conceitos de família, com visões diferentes que concordam ou discordam entre si, mas todos apontam para a direção em que a família se faz como a primeira base para a socialização do sujeito.

Dessa forma, o sentido de família não se constitui apenas por laços consanguíneos, mas, sobretudo, por laços afetivos e de solidariedade.

Outra consideração a fazer é quanto ao espaço reservado nas moradias para a produção e armazenamento dos produtos, pois quando perguntado obtivemos a seguinte resposta.



Gráfico 6- Espaço para os produtos.
Fonte: Pesquisa de Campo 2010.

Cerca de 86% das mulheres informaram que na casa há espaço para o armazenamento dos produtos que são comercializados na Feira de Artesanato e 14% informaram que não há espaço adequado.

O espaço para o armazenamento do material produzido pelas artesãs, faz-se relevante pelo fato de que a Associação de Artesãos não tem condições de oferecer a estrutura para guardar o referido material, devido ao quantitativo de associados.

Outra abordagem de relevância se faz pelo fato de que na informalidade, as artesãs são as únicas responsáveis pela produção e armazenamento de seus produtos. Para tanto, a elevação da referida produção só se caracteriza se houver um espaço apropriado para a realização do trabalho, o que quase sempre acontece em casa.

Quanto à constituição da família, foram analisados os seguintes resultados.

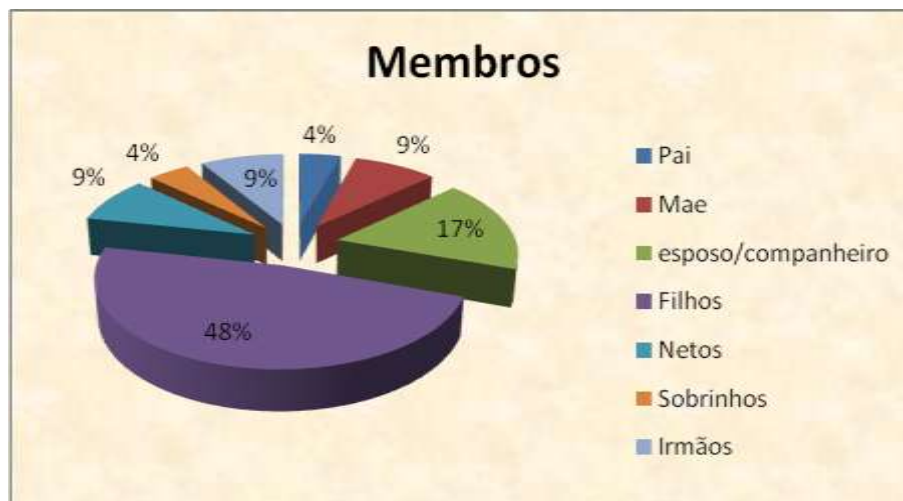


Gráfico 7- Membros que residem com a entrevistada.
Fonte: Pesquisa de Campo 2010

Em 48% das famílias, trata-se de constituições voltadas à monoparentalidade, que segundo Vitale (2002), se caracteriza quando as organizações familiares tem apenas uma pessoa responsável pelo domicílio, e na maioria das vezes, esse sujeito é a mulher.

Vitale (2002) enfatiza que a noção de monoparentalidade tem sido associada não só à questão de sexo, mas também de pobreza, onde se aponta que a baixa renda também se faz como característica.

Ao voltar para a análise de dados, o gráfico mostra que 17% das artesãs residem com o esposo ou companheiro; 9% com os netos; 9% com os irmãos; 9% com a mãe (genitora).

A reflexão sobre esses dados faz-se importante por referir-se à família nuclear, mas também à geracional, a qual aparece como uma constituição que vem crescendo na sociedade, principalmente pela perspectiva da longevidade.

Voltando para a condição socioeconômica das famílias, insere-se a renda mensal, que se caracteriza como:

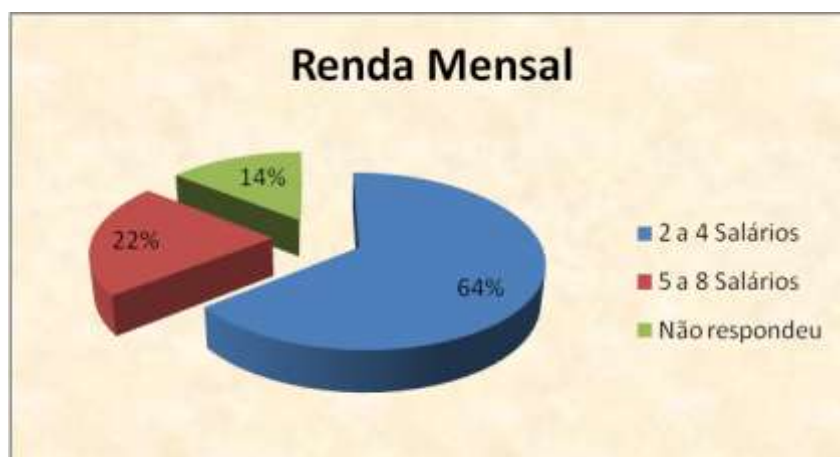


Gráfico 8- Renda mensal.
Fonte: Pesquisa de Campo 2010.

Cerca de 64% das famílias tem renda mensal entre 2 (dois) e 4 (quatro) salários mínimos e em 22% a renda está entre 5 e 8 salários.

A análise mostra que as famílias não estão caracterizadas pela vulnerabilidade social no que tange à renda pelo dado e por apontar famílias com poucos membros, o que facilita a melhoria da qualidade de vida dos sujeitos.

Na aplicação dos questionários, verificou-se ainda que 14% das mulheres não quiseram responder à questão sobre a renda mensal. Inclusive, tal quantitativo de mulheres chegou a pensar em desistir da participação quando chegou na referida indagação, ou seja, elas não se sentiram à vontade em fornecer tal resposta.

No tocante às demais que responderam à questão, observaram-se os dados expostos abaixo.

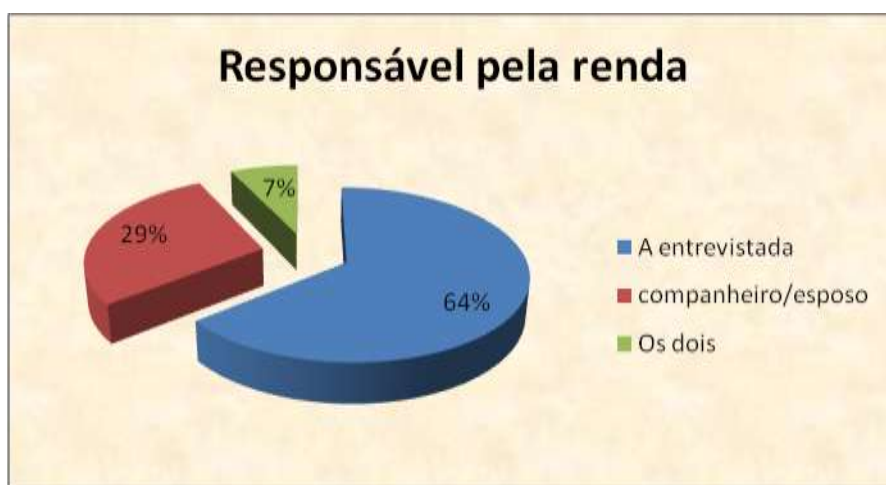


Gráfico 9- Responsável pela renda.
Fonte: Pesquisa de Campo 2010.

Em 64% das famílias, a artesã se considerou como responsável pela renda da família, isso significa que tais sujeitos sociais são responsáveis pela prole no aspecto situação econômica.

A informação reforça mais a realidade da elevação das organizações familiares chefiadas por mulheres, que de acordo com Vitale (2002:50): “*grande parte dessas mulheres chefes de família estão em situação monoparental. Assim, as relações entre mulheres e pobreza constituem raízes de efeitos perversos sobre a vida familiar*”.

A autora, em sua análise, tece considerações mostrando um quadro que se faz presente na realidade brasileira, ou seja, os índices de mulheres que chefiam suas famílias aumenta a cada dia, perfazendo, inclusive, um segmento com critérios para a inserção em programas sociais.

A reflexão do gráfico aponta também que 29% das mulheres respondeu que tanto elas quanto os companheiros/esposos são responsáveis e 7% disse que os dois dividem a tarefa da manutenção da casa.

Esses dados são relevantes e levam a questionamentos, pois na região amazônica, a cultura da família tradicional ainda é muito forte, ou seja, por vezes a mulher é a única que exerce atividades laborativas fora de casa, portanto, responsável pela renda, contudo, ao questionar quem chefia a casa, a resposta remete sempre ao sujeito masculino, esposo ou companheiro. Trata-se de uma construção cultural que envolve a noção de patriarcado, que segundo Saffioti (2004), remete à dominação masculina sobre a feminina e se faz historicamente.

Essa configuração se espalha pela senda das famílias amazônicas, principalmente as oriundas dos municípios do interior do Estado, que trazem os traços do conservadorismo familiar renitente à submissão feminina, mesmo que ela seja a protagonista da família.

O dado do questionário retrata também a entrevista realizada com as artesãs, pois quando perguntamos o que o trabalho significava para elas, obtivemos as seguintes respostas:

Satisfação. A gente se sente gente, gente útil, o trabalho faz bem pra saúde, o trabalho faz a gente crescer e viver mais saudável. (M.S.).

Uma terapia, porque se você fica em casa, fica com aquela melancolia, olhar pro lado, olhar pro outro e não vê ninguém, fica inquieta, se você trabalha, você vê gente, conversa e eu sempre gostei (I.F.).

Percebemos que para os referidos sujeitos da pesquisa, o trabalho com o

artesanato não se caracteriza como labor, mas como satisfação, algo que seja considerado como útil para o cotidiano e como uma espécie de terapia, já que o discurso de uma delas aponta, inclusive, mecanismos de solidão e melancolia.

Durante a pesquisa, quando buscamos saber a respeito do processo de qualificação das artesãs, principalmente se elas buscavam outros cursos para complemento das atividades, identificamos as seguintes respostas.

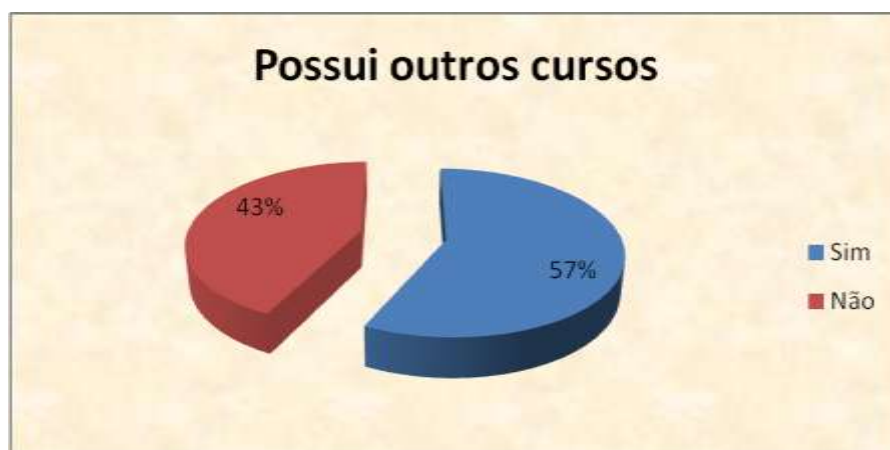


Gráfico 10- Possui outros cursos.
Fonte: Pesquisa de Campo 2010.

Em 57% das situações, as artesãs buscaram outros cursos como: pintura e culinária, ou até mesmo curso técnico em radiologia.

Os dados mostram que as mulheres buscaram outros cursos com o objetivo de melhorar a qualidade de vida, contudo, o mercado informal foi a forma mais peculiar encontrada para a inserção no mundo do trabalho. Sobre isso Tavares (2004) debate que:

(...) só é possível pensar o trabalho informal como uma forma inerente à totalidade da produção capitalista. Os mecanismos de interação que existem hoje entre o trabalho informal e a produção capitalista, indicam que ele tende a deixar de ser intersticial para tornar-se cada vez mais essencial. Isso pode significar que a sociedade assalariada com as regulações que conhecemos tende ao fim, o que modifica a fisionomia do trabalho coletivo pela maior fragmentação do processo de trabalho. (Tavares, 2004 p.127).

Isso significa que o mercado informal tende a ser cada vez mais presente na sociedade, haja vista que a flexibilização do trabalho é excludente e impulsiona a sociedade a buscar outras alternativas de subsistência e sustentabilidade, o que pode ser visto nos dados da pesquisa que detectou a busca de outros cursos para a tentativa de complementar a renda e esse

contexto reflete diretamente na família, conforme será analisado posteriormente.

3.2

O Nexo Trabalho e Família Estabelecido pelas Artesãs

O mundo do trabalho apresenta alternativas no que tange à realidade da informalidade, o que envolve principalmente o sujeito feminino nesse processo.

Nesse sentido, apesar das constantes buscas da mulher nas atividades laborativas, o cotidiano das famílias continua sob responsabilidade dela, sendo desafiador tecer o fio da esfera pública e da privada de maneira efetiva e sem conflitos no interior doméstico.

Para tanto, faz-se necessária essa análise, visto que a pesquisa de campo mostrou que as artesãs trabalham há bastante tempo com a confecção de produtos, sendo assim, indaga-se como a família aparece frente a esse processo peculiar do mundo do trabalho.

Quanto ao tempo de trabalho com artesanato, as mulheres responderam que:



Gráfico 11- Tempo em que trabalha.
Fonte: Pesquisa de Campo 2010.

Cerca de 43% trabalha com artesanato de 8 (oito) a 11 (onze) anos. Em 22% foi verificado que a referida atividade está presente no cotidiano destes elementos femininos entre 4 (quatro) e 7 (sete) anos.

14% trabalha com os produtos há mais de 15 (quinze) anos, ou seja, tal quantitativo dedica-se ao artesanato como estratégia de manutenção da família há muito tempo.

Ao referir-se ao tempo em que trabalham na feira de Artesanato do Centro de Manaus, obtiveram-se os seguintes dados.



Gráfico 12- Tempo em que trabalha na feira.
Fonte: Pesquisa de Campo 2010.

Cerca de 57% das mulheres trabalha na Feira há mais de 10 (dez) anos, ou seja, estão desde o início das atividades. 29% estão no local entre 7 (sete) e 10 (dez) anos e 14% entre 3 (três) e 6 (seis) anos.

O gráfico mostra que os sujeitos da pesquisa executam o trabalho com artesanato há bastante tempo, ou seja, não são atores sociais que começaram suas atividades no último ano por falta de estratégia de subsistência; são pessoas que fazem da informalidade o principal meio de vida.

Nesse contexto, não se pode esquecer da relação das artesãs com o capital, pois Tavares enfatiza que:

No atual nível de desenvolvimento capitalista, não há escapatória possível para o trabalhador. Qualquer que seja a sua forma de inserção na produção, está sujeito, direta ou indiretamente, às exigências da competição, da produtividade crescente, da acumulação e da extração de sobretrabalho. Mesmo que a sua atividade não faça parte da interioridade do sistema, o trabalhador não está livre das determinações do mercado, porque a sua reprodução implica esse necessário confronto (p.145).

O capital apresenta suas faces de acordo com a condição do trabalhador. Os que se encontram no mercado informal também se ligam ao sistema pelas exigências de qualidade de seus produtos e até mesmo pela existência de

competição entre os membros que se encontram na feira.

Essa caracterização foi perceptível nas observações de campo, pois os conflitos presentes em decorrência da competição são evidentes e se caracterizam pela criatividade das artesãs, pelo acabamento dado ou não nos produtos, pela chamada dos clientes e pela negociação direta do que é produzido. Tudo isso gera conflitos, ressaltando-se que os sujeitos inseridos nesse processo também perfazem a linguagem do capital, mesmo em meio ao processo do mercado informal.

Abaixo, mostram-se algumas barracas e seus respectivos produtos, os quais são alvo de conflitos derivados da concorrência nas vendas, por se tratarem basicamente dos mesmos itens de cama, mesa e banho, sendo características primordiais para o sucesso das vendas, o aspecto subjetivo da simpatia, do carisma e do tratamento diferenciado dado aos clientes.



Figura 12- Banca de Artesanato na Feira.
Fonte: Tânia Santos Castello Branco.



Figura 13- Banca de Artesanato na Feira.
Fonte: Tânia Santos Castello Branco.

As ilustrações apresentadas na primeira e segunda foto mostram os manufaturados de cama, mesa e banho, além da importância da criatividade das artesãs para que os seus produtos tenham a devida visibilidade por parte dos clientes, e conseqüentemente, consigam efetuar as vendas.

É importante dizer que as mulheres que trabalham na Feira de Artesanatos do Centro de Manaus não desenvolvem apenas essa atividade, mas a maioria uma jornada dupla, a qual se concretiza com as atividades domésticas, conforme dados expostos seguir.



Gráfico 13- Dedicção às atividades domésticas.
Fonte: Pesquisa de Campo 2010.

No universo da pesquisa, verificou-se que 72% das mulheres se dedica

também às atividades domésticas, além do labor com o artesanato.

Em 43% das situações, as mulheres trabalham de 3 (três) a 4 (quatro) horas nas atividades domésticas. 7% dedica até 6 horas para o referido trabalho.

O gráfico aponta ainda que em 7% das situações, a filha da artesã fica responsável pelas atividades domésticas e 21% revelou que não tem tempo para essas ações, devido à dedicação total na produção de artesanatos.

Os dados expostos revelam os desafios das mulheres para conciliar a dupla jornada de trabalho, ou seja, em casa e fora dela.

Nesse sentido, Coelho (2002), corrobora com a seguinte reflexão:

As dificuldades cotidianas que muitas mulheres enfrentam hoje para conciliar as atividades da vida pública com as inerentes ao espaço doméstico dão visibilidade a outra mudança no comportamento feminino que repercute na família. Diversamente do passado, no qual as mulheres constituíram pelo casamento e maternidade os seus projetos de vida, hoje é cada vez maior o número de mulheres que querem construir projetos mais amplos, que incluam o bem-estar do grupo familiar, mas também outros que simbolizam o espaço em que elaboram sua independência, lutando por seu reconhecimento pessoal (Coelho, 2002 p. 74).

A afirmação da autora expressa as correntes mudanças nos projetos de vidas das mulheres, pois na contemporaneidade, o sujeito feminino apresenta um perfil diferenciado, direcionando seus ideais também para o mundo do trabalho, em busca de qualidade de vida.

Entretanto, a construção dessa identidade feminina repercute na família, pois na esfera doméstica, o processo cultural envolve os sujeitos em elementos ainda tradicionais, ou seja, espera-se da mulher o mesmo comportamento, o mesmo contexto de atenção, pois apesar da inserção no mundo do trabalho, o seu papel de cuidadora no lar continua evidente. Assim, ela ainda é vista como responsável pelas atividades domésticas, podendo ou não receber apoio em relação a sua atividade laborativa, conforme é verificado no dado seguinte.



Gráfico 14- Recebe ajuda de alguém na produção do artesanato.
Fonte: Pesquisa de Campo 2010.

No que se refere ao apoio na produção de artesanato, os sujeitos da pesquisa revelaram que: 79% recebem algum tipo de ajuda, que geralmente vem de algum membro da família, principalmente dos filhos. 7% recebem apoio “às vezes”, ou seja, não se trata de uma parceria constante e apenas 7% responderam que não recebem nenhum tipo de suporte para a produção dos artesanatos.

Os dados mostram que há uma relação entre o trabalho das mulheres artesãs com as famílias, principalmente em relação ao apoio para o desenvolvimento da atividade, o qual pode vir desde o processo de confecção dos produtos, o apoio nas atividades domésticas até as vendas.

É importante salientar que muitas artesãs disseram receber ajuda das filhas, tanto nas atividades domésticas quanto no auxílio para a arrumação dos produtos para as vendas.

“Recebo a ajuda das minhas filhas.” (S.S.).

“Recebo ajuda do meu marido.” (M.C.R.).

Outro dado relevante perfaz o papel das mulheres na família, obtendo-se o seguinte resultado.



Gráfico 15- Considera-se responsável pela família.
Fonte: Pesquisa de Campo 2010.

A pesquisa de campo apontou que 86% das artesãs se consideram responsáveis pela família. Essa afirmação só ratifica todo o contexto que já foi apresentado, pois na maioria das vezes a artesã é chefe de família e nesse sentido sente-se também responsável por ela.

Ressalta-se que o gráfico mostra uma questão cultural que perfaz a realidade amazônica e talvez brasileira, em que há um grande quantitativo de mulheres, que inseridas no mercado de trabalho, sentem-se responsáveis por suas famílias no que tange ao cuidado mútuo, senso de responsabilidade entre outros.

Analisa-se, assim, que existem interpretações diferentes no que se refere ao sujeito se considerar responsável pela renda principal da família, o que a pesquisa mostrou em 64% das entrevistadas.

Outro elemento se constitui na análise que permeia o fato de que estas mulheres realmente respondem efetivamente pela família através da renda mensal com as atividades voltadas ao artesanato, ou seja, exercem uma contribuição não apenas direcionada aos cuidados, mas, sobretudo, financeira.

Tal fator aponta para uma realidade em que a cultura interfere no ensejo cotidiano das famílias amazônicas, o que justifica a diferença encontrada nos gráficos.

Ao aprofundar mais esse contexto, Coelho (2002) diz que:

Esses fatores somados denotam que o cotidiano que as mulheres estão vivendo está intimamente relacionado com o estilo de vida moderno, determinado pela própria sociedade. Impondo a si mesmas, um ritmo frenético, muitas vezes não conseguem obter uma qualidade de vida plena, com mais espaço para o lazer e para si. (p.73).

Ao refletir sobre o texto percebemos que, assim como a noção de família mudou, os sujeitos também mudaram. A mulher que faz parte do objeto de estudo passa a levar um ritmo de vida completamente diferente, ao passo que sai do ostracismo da esfera privada. Ela adentra em um circuito dinâmico no qual o mundo do trabalho não abre espaço nem mesmo para pensar em uma qualidade de vida mais plena. Não há como pensar em si, apenas garantir os meios de subsistência e talvez de sustentabilidade das famílias.

Assim, quando abordamos sobre a vida familiar em relação à atividade profissional, obteve-se a seguinte resposta:

“À noite, a gente conversa. Eu que tenho que ligar pros filhos.” (M.F.D).

Ressalta-se que o ritmo imposto pelo capital canaliza não apenas a intensidade frenética do sujeito, como também a individualidade, que pode ser percebida nas redes de solidariedade e apoio mútuos, pois nem todos os sujeitos tiveram apoio na produção de artesanatos.

Apesar disso, questionou-se se as artesãs já sofreram algum tipo de preconceito em sua atividade pelo fator gênero, obtendo-se o relato a seguir.

“Já. Porque as pessoas diziam que eu tinha marido e ele é que tinha que me sustentar, mas eu não ligava porque eu sempre gostei de trabalhar (I.F.).

O avanço do mercado informal e a inserção da mulher não deixam de lado as possibilidades de preconceito, o que é agravado ainda pela cultura amazônica. Historicamente, no Amazonas, a mulher cria uma identidade de que deve nascer, crescer, casar-se e posteriormente “ser sustentada” por um homem.

Essa carga histórica e tradicional mostra o sentido do discurso apresentado pela artesã, ou seja, a sociedade conservadora cobra um posicionamento de dependência financeira da mulher, mesmo nos meandros da flexibilização do mundo do trabalho e da necessidade do referido sujeito inserir-se no mercado, seja ele formal ou informal.

Ainda abordando a categoria trabalho, questionou-se sobre o tempo que as artesãs usam para manter a família e foram obtidas as seguintes respostas.



Gráfico 16- Tempo que trabalha para manter a família.
Fonte: Pesquisa de Campo 2010.

Em 57% dos questionários aplicados, identificamos que as mulheres já trabalham há mais de 15 (quinze) anos para manter a família. 29% afirmou que exercem atividades laborativas entre 6 (seis) e 10 (dez) anos e 14% está no mundo do trabalho entre 2 (dois) e 5 (cinco) anos.

Os dados são importantes, ao passo que mostram a realidade da inserção das mulheres em atividades laborativas, pois o mercado informal ainda é visto como excludente, contudo não se pode dizer que os sujeitos envolvidos são excluídos, ou seja, não estão à margem da sociedade, têm apenas a sua inserção precarizada no mundo do trabalho.

Ao indagarmos se as artesãs acreditavam no trabalho como mecanismo de inclusão social, ouvimos as seguintes respostas:

“Às vezes, a gente pensa tanta coisa, com isso você entra em qualquer lugar, sem sofrer. Você se acha importante pra sustentar a família.” (I.F.).

“Isso me rendeu muito. Conheci até gerente de banco. Me deu oportunidade.” (M.F.D.)

Sabe-se que o capital exclui e precariza o trabalho em todos os ensejos, desta forma, o setor informal não foge a essa regra, pois ser vendedora em suas diversas faces, inclusive do setor de cama, mesa e banho, sujeitos desse estudo, se configura como um desafio. Sobre isso, Tavares (2004) analisa que:

A ocupação do vendedor ambulante é considerada, na escala das atividades precárias, como uma das mais degradantes. Há quem diga, até que, é o último degrau para se chegar ao que alguns chamam de economia subterrânea, que

envolve o tráfico de drogas e outros crimes. Entretanto, no cotidiano das cidades, grandes e pequenas, pode-se encontrar, hoje, desde as pequenas barracas desmontáveis que se instalam todos os dias, ora em um ora em outro local, até as que circulam permanentemente por todos os bairros. Oferecem frutas, verduras, doces caseiros, confecções populares, produtos artesanais, plásticos, panelas e etc. O vendedor ambulante precisa ter força física e muita criatividade para cobrir a maior área possível e convencer o maior número de pessoas a comprar as suas mercadorias que, geralmente, podem ser encontradas com muito mais qualidade, em qualquer supermercado ou loja de departamentos (p.152).

A análise da autora mostra o que por vezes se constitui como realidade das pessoas que trabalham em feiras. A atividade precarizada é desafiadora e se confunde com atividades degradantes que chegam ao ápice da ligação, nem sempre verdadeira, como o crime.

A flexibilização do mundo do trabalho conduz à busca de outras estratégias para subsistência, fazendo com que pessoas trabalhem cotidianamente montando e desmontando barracas, na intenção de conseguir oferecer e vender seus produtos.

Além dos vendedores competirem entre si nas feiras, existe ainda a competição desigual com supermercados e lojas de departamentos, que oferecem os mesmos produtos diferenciados pela qualidade, considerando o processo de industrialização pelo qual muitos passaram.

Essa realidade desigual leva sujeitos a buscarem outras atividades laborativas que atuem como complemento de renda, considerando a disputa existente pelo mesmo mercado.

Tal fator foi verificado também na pesquisa de campo, conforme análise do gráfico a seguir.

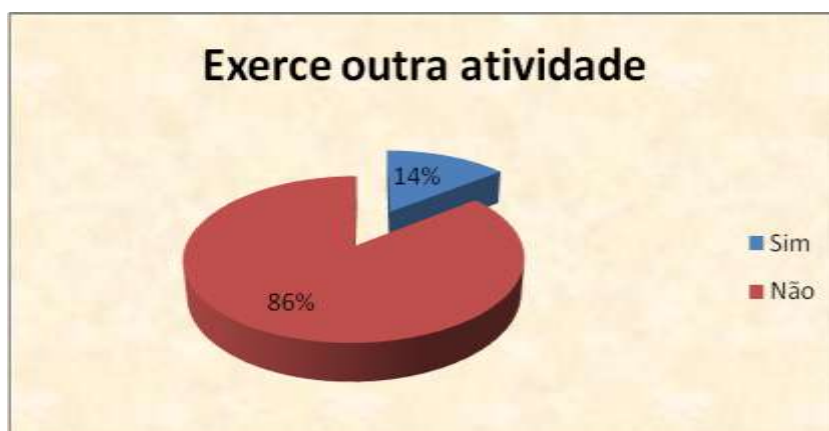


Gráfico 17: Exerce outra atividade.
Fonte: Pesquisa de Campo 2010.

O questionamento sobre o exercício de outra atividade se fez necessário ao verificar que a feira de artesanatos do Centro de Manaus funciona apenas aos domingos, e com isso tivemos uma preocupação em saber o que as artesãs fazem nos demais dias da semana.

Assim, reflete-se que 14% das artesãs envolvidas, (dois sujeitos) na pesquisa desenvolvem outras atividades voltadas ao mundo do trabalho.

Entre as atividades, uma artesã declarou ser funcionária pública da esfera municipal e outra trabalha também como motorista, ou seja, percebe-se a existência de outras atividades laborativas que vão além da confecção e venda do artesanato, o que se configura como o retrato na busca do sustento mais efetivo das famílias.

As informações mostram que o processo de flexibilização do trabalho conduz para a realidade que exige um trabalhador polivalente, que seja multifacetado, para desenvolver várias ações diferentes em troca da sua própria sobrevivência, o que explica os dados obtidos na pesquisa.

Outro dado importante obtido em campo mostra o questionamento sobre a previdência social e apenas uma das entrevistadas informou que contribui com a previdência social, contudo, essa contribuição não vem da atividade informal, ao contrário, trata-se de uma artesã que também trabalha como funcionária pública da esfera municipal. Assim, a contribuição se origina da referida atividade, entretanto, tal ensejo não evidencia que ela tenha conhecimento sobre a previdência, pois ao ser indagada, respondeu da seguinte maneira: “Contribuo com a Manaus Med.”(M.S).

Julgamos oportuno informar que “Manaus Med” é o plano de saúde oferecido no sistema público municipal aos servidores, o que evidencia a confusão existente entre o significado de assistência à saúde com o de previdência social, ou seja, na verdade, a pesquisa mostrou o total desconhecimento dos sujeitos sobre a política previdenciária.

A fala dos sujeitos é importante, ao passo que a desresponsabilização estatal trazida pela reforma do Estado, conduz ao processo de formação de um Estado Mínimo.

Nesse contexto, observa-se ainda que o mercado informal, apesar de gerar lucro, não fomenta mecanismos de sustentabilidade para os sujeitos, pois estão às margens de várias políticas públicas, inclusive, a de previdência social.

Nesse caso, pudemos observar a formação de várias expressões da Questão Social, que mais tarde vão sobrecarregar a Assistência Social, seja através dos programas de transferência de renda ou pelo benefício de prestação

continuada, entre outros.

A falta de conhecimento dos sujeitos e do incentivo à inserção do trabalhador autônomo na previdência social movimentou o mercado informal sem oferecer a sustentabilidade necessária ao trabalhador, para que tivesse as devidas coberturas e assistência nos casos supracitados.

Após tecer o perfil das artesãs e sua relação trabalho-família, é interessante discutir as demandas e perspectivas não apenas da Feira de Artesanatos e Produtos, como também dos sujeitos inseridos no respectivo mercado, conforme se verifica posteriormente.

3.3 As Demandas e Perspectivas dos Sujeitos da Pesquisa

O mercado informal é o setor que mais cresce na contemporaneidade, tanto pela precarização da mão de obra no setor formal, como também pela falta de oportunidades de inserção na formalidade.

De acordo com a Secretaria Municipal de Trabalho, Mercados e Feiras de Manaus (2008), estima-se que cinquenta mil famílias vivam da informalidade nas feiras, porém esse dado pode ser muito maior, visto que muitas pessoas não têm qualquer tipo de cadastro nos órgãos responsáveis ou nas associações.

O retrato da informalidade se evidencia em vários pontos de Manaus, caracterizado no Centro da cidade através dos camelôs, dos pontos de venda nos semáforos, nas esquinas das lojas, entre outros.

Na periferia, o processo se repete de maneira semelhante, agravando-se pelos traços da pobreza, da realidade da migração para a região amazônica e pelas ocupações de terrenos, onde famílias buscam o mínimo para a sobrevivência através da informalidade.

A pesquisa mostrou que a maioria das mulheres reside em zonas periféricas da cidade e têm na feira um mecanismo de inclusão. O dado interessante é que no momento da entrevista, as artesãs não entenderam bem o significado da expressão “inclusão social.” Foi preciso explicar e reformular a pergunta para que houvesse resposta, ou seja, sabe-se que o trabalho, seja ele formal ou informal, contribui como mecanismo de cidadania e inclusão, mas muitos sujeitos não sabem o real significado dessa expressão. No campo, após

efetuar considerações se elas sentiam que aquele trabalho era uma forma de inclusão, observou-se o seguinte relato:

“Sim, porque se você não trabalha fica isolado do mundo, pode até ficar maluco (I.F).”

A artesã reflete que a ausência do trabalho é um fator que isola o sujeito social, o que pode conduzi-lo até mesmo ao desequilíbrio psicossocial. Apesar disso, observou-se que não houve um entendimento efetivo sobre o significado da inclusão social na atividade em que elas desenvolvem.

No que tange às perspectivas do trabalho, a Feira de Artesanatos e Produtos apresenta bastante visibilidade entre os clientes e organizações de apoio. A tendência para 2011 é ter um crescimento maior, considerando os vários planejamentos que se iniciaram junto à associação que responde pela administração da feira.

Quanto às mulheres que trabalham no setor de cama, mesa e banho, existe uma motivação quanto à continuidade e satisfação com o trabalho efetivado. Na entrevista com uma das artesãs, obteve-se o seguinte relato.

“Sim, satisfeítíssima, porque me realiza, eu faço o que gosto. Eu tenho meu emprego, mas gosto de fazer isso (artesanato). Trabalho à noite no Dr. Tomas² e faço artesanato quando chego em casa e nas folgas.(M.S.)”

A artesã mostrou-se satisfeita com a atividade que realiza, comentando a dupla jornada, já que tem inserção no mercado formal e informal.

Outro ponto relevante nas perspectivas das artesãs no mercado de trabalho gira em torno da relação e apoio da família para o desenvolvimento das atividades. Ao questionar tais ensejos, os relatos se apresentaram da seguinte maneira.

“A família elogia, mas acha que eu trabalho muito, minha irmã diz que eu sou uma guerreira porque ela não aguenta fazer o que eu faço. Mas eu sinto prazer de ir pra minha máquina... quer ver eu ficar triste é quando minha máquina quebra.” (M.S).

“A filha apóia sim. Eu não tenho vergonha de mostrar minha arte. Já fizeram entrevista; pessoal de jornal. Pensam que a gente é camelô, barraqueiro, mas o artesanato é arte.”(M.F.D.).”

² Fundação Dr. Thomas é uma instituição que surgiu em Manaus em 1909, com o objetivo de asilar doentes acometidos pela Varíola e outras doenças consideradas contagiosas. Na segunda metade da década de 1960, o local passou a abrigar apenas pessoas idosas em situação de vulnerabilidade social e hoje funciona como ILP (Instituição de Longa Permanência), para idosos e faz parte da Política Municipal do Idoso, aprovada em 2001 pela Prefeitura.

A entrevistada referiu-se à máquina de costuras, a qual utiliza para a confecção dos produtos. Percebeu-se que a família apoia, mas reconhece o trabalho exacerbado que se efetiva no cotidiano, para que tenha condições de levar o material nos domingos, para ser comercializado.

Outra entrevistada ressaltou:

“No começo eles não queriam, porque é muito cansativo pra mim, porque eu ainda cuido dos dois netos, mas depois eles disseram: ‘mãe, se é pra senhora se sentir bem, se a senhora não quer depender só da gente, então fique no seu trabalho. No dia que a gente puder lhe ajudar, a gente ajuda.’ E é o que eles fazem, no dia que as esposas deles chegam cedo, elas me ajudam também pra produzir mais (I.F).

O relato mostra não somente o apoio dos familiares na produção do material de artesanato, como também a rede de solidariedade que se cria em torno disso, mostrando que a família está presente durante todo o processo de construção das etapas necessárias à informalidade na Feira de Artesanatos e Produtos do centro de Manaus.

Ao indagar o que se espera das atividades naquela localidade, uma das artesãs respondeu:

“Crescer, expandir pra outro local, ir pro interior, costurar pra fora. Na feira, eles estão pensando em mudar as barracas pra copa, pra chamar mais atenção.” (I.F).

Observamos que o discurso sinaliza positivamente à continuidade das atividades. A artesã pensa no crescimento profissional dentro da atividade que já desenvolve, ponderando até mesmo a possibilidade de expansão para outro município e aumento da demanda para atender mais clientes.

Foi ressaltada a questão da mudança das barracas para ‘copa’, devido aos planos da associação e das organizações de apoio, para mexer na estrutura das barracas, com o objetivo de modernizar e oferecer a visibilidade necessária.

Percebemos que as artesãs almejam o crescimento dos negócios, ou seja, elas veem no empreendedorismo a fonte de renda necessária às atividades laborativas e conseqüentemente ao sustento da própria família.